APRESENTAÇÃO

Com a proposta “Bibliotecas possíveis”, o *Boletim de Pesquisa NELIC* procura dar continuidade à reflexão em torno do arquivo, o que implica ler também os processos de arquivamento e classificação, os usos que dele são feitos – canonizadores ou desconstrutivistas –, considerando-se ainda sua operação na configuração do campo cultural e sua figuração na literatura. Nesse sentido, a escolha da biblioteca como sinédoque dessas questões inerentes ao arquivo pretende estimular uma revisitação contemporânea à prática da pesquisa em fontes como periódicos e revistas, assim como estimular a problematização do assunto na construção de subjetividades na literatura. Se a literatura contemporânea, como costuma ser apresentada, é uma literatura leitora que, paradoxalmente, se define e intervém através desse gesto duplo de dispersão e agrupamento que constrói não só a biblioteca, mas bibliotecas (im)possíveis, a reflexão aqui proposta se abre em direção à comunidade de leitores, sua formação, deformação e/ou questionamentos a partir do trabalho literário da contemporaneidade.

A proposta lançada por esta 18ª edição foi atendida pelas colaborações recebidas, as quais transitam por temas e objetos variados, onde podem ser encontradas mais de uma preocupação e intenção crítica comum. Chama a atenção, principalmente, o fato de todos os textos, com maior ou menor dedicação, interessarem-se por observar nos autores ou textos trabalhados a mediação e o questionamento da dicotomia interno e externo, subjetivo e objetivo, social e até nacional. Talvez com isso possamos justamente pensar que a biblioteca é, em primeiro lugar, o espaço onde essa mediação se produz.

Maria Lúcia de Barros Camargo abre a discussão focando o jornal *Beijo*, periódico publicado no Rio de Janeiro no final dos anos 1970, ainda durante a ditadura militar, para (re)ler em suas páginas originais – várias delas reproduzidas neste *Boletim* mediante generosa autorização de seu editor Júlio César Montenegro – não apenas a sua condição “alternativa”, “menor” ou de “resistência”, lugar comum da crítica e das leituras hegemônicas, mas também mas o campo das tensões e da complexidade da vida cultural e literária brasileira da época. Para a construção dessa “biblioteca possível”, Camargo se utiliza de outras possíveis bibliotecas, além de uma leitura atenta do próprio *Beijo*, incluindo cartas e livros, lançando com isso um convite aos novos pesquisadores da Universidade

Federal de Santa Catarina e de outras universidades para trabalhar com o acervo de periódicos do NELIC.

Em seguida, Raúl Antelo, em texto redigido em espanhol, transita por discursos impensados do arquivo carioca do século XIX em seus cruzamentos com a cultura argentina, através de crônicas, *tableaux*, cartas e notícias de jornal da época, tomando como figura central e ponto de convergência a participação literária da feminista argentina Juana Manso, ou Joana Paula Manso de Noronha, como ela assinava suas publicações no Brasil, em seu exílio no Rio de Janeiro entre 1948 e 1952. Antelo faz um interessante recorte e análise do *Jornal das Senhoras*, editado por Juana Manso durante 1952 (hoje disponível para *download* gratuito no site da Biblioteca Nacional), onde se vislumbra o labor de Juana Manso como mediadora cultural entre o homem e a mulher, a cultura letrada europeia e a “voz da mulher” que, como reza o nome de um jornal anarco-feminista argentino de finais de século, começava a se levantar. Antelo traça ainda linhas de contacto entre o jornal e a escrita autobiográfica que, no romance de Juana Manso, *Los misterios del Plata*, triangula tanto com o romance histórico brasileiro quanto com o romance sentimental e o relato de viagem. Novamente, a escrita íntima e a escrita pública surgem completamente imbricadas.

Dando continuidade ao trabalho com periódicos, Fernando Floriani Petry, doutorando da UFSC e membro do grupo de pesquisa do NELIC, aborda a ideia de cultura proposta pela *Revista do Livro* ao longo de sua publicação, trazendo uma importante contribuição para a análise de um dos órgãos oficiais de construção e divulgação da arte e da cultura brasileiras. Em seu texto, em primeiro plano está a ideia de cultura como uma biblioteca disponibilizada através da revista, além da a pergunta pela função da arte e a influência da própria *Revista do livro* na historiografia literária brasileira.

Nos textos que se seguem, a questão da assinatura, o nome de autor como organizador do arquivo que o rodeia, mostra-se central. No trabalho de Ibríela Bianca Berlanda Sevilla, doutoranda da Universidade de Santa Catarina e também participante do NELIC, delineiam-se apontamentos sobre o material que se encontra no arquivo de Roberto Piva no Instituto Moreira Salles. Vemos, no texto, a constituição de um nome num sentido múltiplo, tanto na instabilidade do arquivo de um escritor pouco estudado, quanto do processo de constituição de um olhar crítico que mostra os roteiros de pesquisa, seu andar tateante, muito mais que um trabalho pronto.

Em seguida, Milena Magalhães, professora da Universidade Federal de Rondônia, observa as tramas da consagração que se tecem em torno do nome de Miltom Hatoum e da possibilidade de desconstruir lugares comuns da crítica, atendendo às problemáticas e

aporias que habitam a correspondência e a transparência muitas vezes estabelecidas entre vida e obra. Magalhães, tomando como base as reflexões em torno do arquivo e da assinatura de Jacques Derrida, aponta para os riscos que o nome Milton Hatoum expõe, para, justamente, desmitificá-lo e permitir que seja lido criticamente, para que este, por sua vez, desmistifique leituras de sua própria obra.

Francisco Aquinei Timóteo Queirós, da Universidade Federal do Acre, também se atém à importância de se desconstruir conceitos, procedimentos e verdades estabelecidas, focando a linguagem jornalística padrão em sua busca por objetividade, imparcialidade e realidade, prática que não deixa de ser um processo de arquivamento, mas desta vez em contraste com a narrativa do chamado Novo Jornalismo. Essa tendência, que nos anos 60 incorporou técnicas literárias à prática jornalística, permitiu amalgamar o fictício e o verídico no mesmo processo narrativo, permitindo-se questionar os limites da representação e a importância das instâncias enunciativas. Nessa discussão, são analisadas as obras *Radical Chic e o Novo Jornalismo*, de Tom Wolfe, e *A Sangue Frio*, de Truman Capote.

Paulo Caetano, da Universidade Federal de Minas Gerais, percorre as relações entre taxonomias e formas de arquivamento no livro de Nuno Ramos, *Canbota, bagunça, hidrelétricas*, utilizando diversas abordagens teóricas sobre a questão do arquivo. No texto, retorna ao centro da discussão sobre a biblioteca e o arquivo: classificar, enumerar, lembrar? Técnica ou caos?

No artigo final de Silvana Santucci, doutoranda da Universidade Nacional de Córdoba, trabalha-se as analogias que o cubano Severo Sarduy propõe em seus textos críticos, assim como no próprio trabalho pictórico, entre escrita e pintura, letra e cor, mas também entre interno e externo, subjetivo e objetivo. Utilizando a noção de arquivologia, apresentada em diversos trabalhos de Raúl Antelo, Santucci flagra a “biblioteca sarduiana” justamente na fronteira onde se colocam em questão as identidades estáveis das classificações, mostrando que a biblioteca mais pertinente para abordar a obra de Sarduy é aquela que rompe os limites da especificidade literária.

Por último, consideramos importante trazer aos pesquisadores uma resenha – realizada por Luciana di Leone – do livro da crítica argentina Ana Porrúa, *Caligrafia tonal*, que se apresenta como uma importante reflexão sobre a construção dos cânones literários poéticos, sua operação e possível mobilização.

Com a potência sugerida no traço simples, mas não menos complexo, do desenho da capa da artista carioca Laura Erber, o *Boletim de Pesquisa NELIC* convida os leitores a

pesquisar e refletir sobre o arquivo, o arquivamento, os nomes, os arcontes, as classificações, as instâncias de enunciação, seus usos e abusos. Convida a ler e desler, construir e desconstruir, à semelhança das linhas que são e deixam de ser, suas próprias bibliotecas possíveis.